

CARREIRA JORNALÍSTICA DEPOIS DA MATERNIDADE: tipos de trajetórias entre as jornalistas-mães brasileiras¹

JOURNALISM CAREERS AFTER MOTHERHOOD: types of trajectories among Brazilian journalists who are mothers

Gabriela Silva Meneses²

Resumo: O artigo discute os tipos de carreira entre mulheres jornalistas que vivenciam a maternidade no Brasil. Com base no conceito interacionista de carreira (HUGHES, 1937; 1997; BECKER, 2008; PEREIRA, 2020) em diálogo com discussões de gênero (SCOTT, 2019; LAURETIS, 2019), maternidade (BADINTER, 2011; SOUZA, 2022; IACONELLI, 2023), jornalismo e trabalho (ROCHA, 2004; STEINER, 2017; LELO, 2019; KIKUTI, 2023), este estudo analisou as decisões de carreira; identificou as táticas (CERTEAU, 1998) na tentativa de conciliar trabalho e maternidade e mapeou movimentos e trajetórias. Participaram 35 jornalista (homens e mulheres; com e sem filhas/os) das cinco regiões do País. A análise dos dados, realizada por indução analítica (BECKER, 2007), contou com 35 entrevistas semiestruturadas, 34 fotografias de mesas de trabalho e 33 diários. Foram identificados quatro principais trajetórias: a) carreiras organizacionais; b) carreiras freelancers; c) carreiras públicas; d) carreiras híbridas e/ou atípicas.

Palavras-Chave: Jornalistas. Maternidade. Gênero. Carreira.

Abstract: The article discusses the types of careers among female journalists who experience motherhood in Brazil. Based on the interactionist concept of career (HUGHES, 1937; 1997; BECKER, 2008; PEREIRA, 2020) in dialogue with gender discussions (SCOTT, 2019; LAURETIS, 2019), motherhood (BADINTER, 2011; SOUZA, 2022; IACONELLI, 2023), journalism, and work (ROCHA, 2004; STEINER, 2017; LELO, 2019; KIKUTI, 2023), this study analyzed career decisions; identified tactics (CERTEAU, 1998) in an attempt to reconcile work and motherhood; and mapped movements and trajectories. Thirty-five journalists (men and women; with and without children) from the five regions of the country participated. The data analysis, performed by analytical induction (BECKER, 2007), included 35 semi-structured interviews, 34 photographs of work desks, and 33 diaries. Four main trajectories were identified: a) organizational careers; b) freelance careers; c) public careers; d) hybrid and/or atypical careers.

Keywords: Journalists. Motherhood. Gender. Career.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

² Jornalista da Universidade Federal do Ceará (UFC), doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB), gabismeneses@gmail.com

1. Introdução

Na esteira das mudanças provocadas pelos movimentos feministas e das rupturas e permanências ocorridas no mercado de trabalho jornalístico, esta pesquisa trata do processo de construção da carreira³ das mulheres jornalistas que vivenciam a maternidade. O jornalismo, constituído num mundo capitalista, masculinista, heterossexista, racista e ocidentalista (MORAES; SILVA, 2019) e configurado dentro da lógica masculina (SILVA, 2010; STEINER, 2017), conviveu, no Brasil, com o aumento da participação feminina após a obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão (ROCHA, 2004). Esse processo tem relação com o contexto nacional de transformação do mercado de trabalho, com a introdução da mulher branca, de classe média (ROCHA, 2004), e o aumento da formação profissional de nível superior entre elas (FÍGARO, 2018). A chegada das mulheres em um espaço com prevalência de uma cultura centrada nos homens pode representar desafios significativos no modo de manter e planejar suas carreiras profissionais, especialmente para aquelas que decidem também exercer a maternidade.

Nesse contexto, este artigo apresenta parte dos resultados finais de uma pesquisa de doutorado, realizada em um programa de pós-graduação em Comunicação. A intenção é responder ao seguinte questionamento: *quais os tipos de carreiras mais comuns identificados entre as jornalistas-mães brasileiras?* Nesta proposta, a trajetória das jornalistas-mães é investigada, por meio de uma leitura qualitativa dos dados, com base no encontro teórico entre o conceito interacionista de carreira (HUGHES, 1937; 1997; BECKER, 2008; PEREIRA, 2020), os estudos de gênero (SCOTT, 2019; LAURETIS, 2019), de maternidade (BADINTER, 2011; SOUZA, 2022; IACONELLI, 2023) e de jornalismo e trabalho (ROCHA, 2004; STEINER, 2017; LELO, 2019; KIKUTI, 2023). Esta base teórica foi escolhida por privilegiar a dimensão compreensiva e subjetiva das histórias de vida, possibilitando a observação minuciosa do processo de negociação das escolhas de carreira, e

³ Neste estudo, o termo 'carreira' por vezes foi substituído por trajetória, percurso ou outros sinônimos para evitar repetição. Dependendo da tradição teórica, compreendo que esses termos podem ter significados diferentes, a exemplo do conceito de trajetória para Bourdieu. Nesta pesquisa, entretanto, carreira e seus sinônimos serão utilizados em referência a movimentos no interior de um sistema, conforme a abordagem interacionista.

suas implicações individuais e coletivas, e também por permitir interdisciplinaridade com outras abordagens.

A seguir, o artigo traz a metodologia utilizada, os resultados, as discussões, as contribuições e as limitações da pesquisa. A investigação parte da observação de um cenário ainda mais difícil para as mulheres, principalmente aquelas que têm responsabilidade de cuidar de filhas/os, inseridas dentro de um contexto de uma profissão precarizada (LELO, 2019; NICOLETTI, 2019). Jornalistas-mães vivenciam uma realidade que exige um imaginário profissional que advoga a ideia da disponibilidade 24 horas por dia e sem impedimentos domésticos (NORTH, 2016; SANTOS, TEMER, 2016), num contexto em que a maternidade é concebida como uma escolha individual (NORTH, 2009) e de responsabilidade da mulher (KIM, 2006; ROCHA, 2007; SILVA; GONÇALVES, 2018; TSUI; LEE, 2012), sem implicações na vida profissional e coletiva. Importante ressaltar que nem todas as escolhas das mulheres estão relacionadas à maternidade ou ao gênero, mas esses dois marcadores têm interferências significativas em seus percursos profissionais.

2. Metodologia

Metodologicamente, a pesquisa foi construída por meio da triangulação (FLICK, 2009; PEREIRA, 2014) de técnicas de coleta de dados, com a utilização de entrevistas semiestruturadas como instrumento principal; somadas ao uso de diários da rotina e fotografias das mesas de trabalho, instrumentos complementares. Para isso, delimitou-se um corpus de 35 jornalistas, composto por mulheres e homens com e sem filhas/os, originários das cinco regiões do Brasil. Apesar do foco ser a maternidade, o corpus reúne representantes de grupos que se identificam como mulheres e homens, numa proporção de 62,85% (N = 22) e 37,14% (N = 13), respectivamente, e pessoas com filhas/os - 65,71% (N = 23) - e sem filhas/os - 34,28% (N = 12). Essa escolha se deu por se tratar de uma pesquisa interacionista e que aborda o gênero⁴ como uma construção social, em que os papéis sociais de um

⁴ Apesar de considerar gênero um conceito mais complexo, optei por fazer uso do binarismo estratégico, que utiliza a dupla homem-mulher para interpretar fenômenos psíquicos e sociais, porém, reconhece, de forma crítica, que “esse par não representa essências, e sim criações culturais” (Zanello, 2022, p. 53). A escolha se deu por reconhecer que a cultura brasileira permanece profundamente binária, inclusive dentro do jornalismo, e ser uma forma de entender os seus efeitos sobre os processos de socialização, comportamentos e emoções das pessoas (Zanello, 2022).

determinado grupo também são delimitados nos processos de negociação e interação com outros grupos.

Na seleção, também foi utilizado como critério a autoidentificação da/oas respondentes com a profissão de jornalista. Dessa forma, as/os jornalistas poderiam atuar dentro da mídia, fora da mídia e/ou na docência, seguindo a mesma proposta de classificação do Perfil do Jornalista Brasileiro 2021⁵ (LIMA *ET AL.*, 2022). A amostra também tem representantes de segmentos variados (BUCHER; STRAUSS, 1961; MENESES, 2019) dentro do jornalismo, com a intenção de verificar as diferenças entre essas trajetórias e analisar se algum desses espaços é mais favorável ao desenvolvimento da carreira das mulheres-mães.

Em relação à distribuição regional, a maioria da/os entrevistada/os atuava no Sudeste (N = 16, 45,7%) e Nordeste (N = 7, 20%). Nas demais regiões – Centro-Oeste, Sul e Norte -, há o mesmo número de participantes em cada (N = 12, 11,4%). Referente à faixa etária, a maioria dos participantes estava no intervalo entre 31 e 40 anos (N = 13, 37,4%) e 23 a 30 anos (N = 9, 25,7%). Em relação à cor/raça, a maior parte se declarou branca/os (N = 20, 57,4%), seguido de parda/os (N = 7, 20%), preta/os (N = 5, 14,28%) e amarela/os (N = 2, 5,71%). Por fim, em grau de escolaridade, a maioria havia concluído o Ensino Superior (N = 13, 37,4%). Também fizeram especialização (N = 12, 28,57%), mestrado (N = 8, 25,71%) e doutorado (N = 2, 5,71%).

Pela abrangência nacional do estudo, as 35 entrevistas, realizadas por mim e por outro pesquisador que estava desenvolvendo uma pesquisa de pós-doutorado com tema afim, ocorreram em formato remoto, sendo realizadas por meio de comunicadores instantâneos (Google Meet e WhatsApp) ou de ligações telefônicas. Foram feitas 21 entrevistas por videochamada, nove por gravações de áudio, quatro por mensagens de texto e uma por ligação convencional. A diferença de suportes e de entrevistadores não trouxe implicações significativas para os resultados finais. O roteiro e a condução das entrevistas foram seguidos de modo semelhante e os dados colhidos também deram conta de atender às perguntas e aos objetivos da investigação. Reconheço, entretanto, que isso pode limitar a captação de alguns

⁵ De acordo com o Perfil, atuam dentro da mídia jornalistas que trabalham em imprensa, veículos de comunicação, arranjos alternativos de mídia/mídia independente, startup jornalística. Fora da mídia estão aquelas/es que trabalham com assessoria de imprensa ou comunicação, produtoras de conteúdo para mídias digitais, entre outras. Na docência, estão as/os jornalistas que trabalham com a formação superior de jornalistas ou outras áreas de conhecimento.

sentimentos, silêncios e falas espontâneas que podem ter surgido na interação comigo ou com o outro pesquisador, a depender dos tipos de negociações que vão se estabelecendo durante as entrevistas, especialmente entre as jornalistas-mães.

O diário, inspirado no *diary-interview method* (ZIMMERMAN; WIEDER, 1977), consistiu na descrição das atividades profissionais e familiares desempenhadas pelas/os entrevistadas/os no período de um dia completo. Teve como objetivo acompanhar, via autodescrição, como as/os jornalistas conciliam (ou não) as diferentes identidades sociais e os pertencimentos no decorrer de 24 horas e como vão fazendo escolhas ao longo do dia. Dessa forma, as/os entrevistadas/os fizeram a descrição de um dia de sua rotina por meio de áudios (enviados pelo WhatsApp), falando sobre atividades e reflexões de cada período do dia (manhã, tarde e noite). Das/os 35 jornalistas, 33 contribuíram com essa etapa.

Por último, foi solicitado às/aos entrevistadas/os o envio de uma fotografia da mesa de trabalho (LE CAM, 2015). A orientação é que as fotografias fossem produzidas com pouca intervenção no cenário, a fim de registrar uma situação mais próxima ao que estava ocorrendo no momento. Os registros permitiram examinar como o espaço laboral as/dos jornalistas é configurado (por exemplo, móveis, objetos presentes, dispositivos tecnológicos), como as condições de trabalho se materializam e de que forma diferentes aspectos da sua identidade social se fazem presentes nele. As imagens não foram divulgadas em virtude do risco de identificação das/os entrevistadas/os. Dos 35 informantes, 34 concordaram em participar desta etapa, encaminhando um total de 43 fotografias (oito jornalistas enviaram mais de uma imagem). Nove participantes encaminharam também descrições em áudio ou texto do contexto em que a imagem foi registrada.

As informações pessoais foram inicialmente analisadas de forma individual, a partir da construção desses relatos em narrativas de vida (COHEN; MALLON, 2001), observando os eventos mais objetivos, como mudanças de cargo, como também as memórias de fenômenos subjetivos, como satisfação e emoções. Os dados colhidos foram organizados em tabelas de indução analítica (BECKER, 2007). Três tabelas-base foram produzidas: 1) mobilidade de carreira (com informações sobre cargo ocupado/atuação no jornalismo, interrupções, motivações para mudanças e/ou permanências e contextos); 2) táticas de tentativas de conciliação trabalho/vida pessoal (com informações sobre as táticas usadas por cada participante na rotina para conseguir conciliar trabalho e vida pessoal); 3) descrição das imagens das mesas de trabalho (com informações descritivas sobre os elementos). O



cotejamento dos dados das tabelas com as articulações teóricas permitiram chegar aos resultados desta pesquisa.

3. Resultados

Os dados e as inferências apresentadas nesta seção, apesar de terem sido originários do cruzamento com as informações geradas pelas/os 35 profissionais, detiveram-se principalmente ao que se referia às 15 mães participantes da pesquisa, que estão identificadas com siglas correspondentes às regiões de origem⁶, junto a um pequeno perfil de cada uma, conforme descrito na Tabela 1.

Em uma primeira incursão ao quadro, foi possível perceber que todas as mulheres fizeram cursos na área de Comunicação Social e/ou Jornalismo. A maior parte das respondentes (seis entrevistadas - ND1, ND7, C4, N4, N1, ND6) ainda segue o formato de carreira organizacional. Logo em seguida, estão aquelas que possuem carreiras que podem ser chamadas de híbridas⁷ ou atípicas (S4, SD12, SD13, SD15), indicando uma tendência de trajetórias menos “organizacionais e lineares” no jornalismo e cada vez mais “individuais, múltiplas e caleidoscópicas” (PITHAN; VACLAVIK; OLTRAMARI, 2020). Depois vem as que seguem a carreira freelancer (S3, SD14, SD16), seguida das jornalistas que possuem carreira pública (C3 e ND2). Essa última, em virtude da estabilidade, da carga horária respeitada e do cumprimento de direitos, tem se demonstrado a opção de trajetória mais amistosa para as jornalistas que são mães e que precisam conciliar a vida profissional com a vida pessoal e querem ter mais tempo para se dedicar à maternidade (TELES, 2024).

A seguir, discuto cada um dos tipos de carreira e o impacto da maternidade - a partir das motivações, contextos e táticas - na construção dessa tipologia.

⁶ ND = Nordeste, C = Centro-Oeste, N = Norte, S = Sul, SD = Sudeste.

⁷ Durante a pesquisa, foi identificado que C3 e ND6 também faziam movimentos de carreira híbridos por atuarem, no momento, em diferentes segmentos do jornalismo. Neste agrupamento de carreira, optei por inseri-las nas carreiras pública e organizacional, respectivamente, por ambas já terem trajetória consolidada neste tipo de carreira e optarem por estarem em outro segmento para auxiliar na transição de carreira ou complementar renda.

Tabela 1 – Tipos de carreiras identificadas entre as jornalistas-mães

Tipo de carreira	Descrição	Respondentes	Padrões de movimento	Motivos envolvidos na escolha	Contextos envolvidos na escolha	Táticas	Impactos da maternidade
1) Carreiras organizacionais	Atuação em empresas e setores de comunicação (redações, assessorias de comunicação, agências de comunicação)	<p>ND1 (branca, 39, repórter)</p> <p>ND6 (preta, 34, editora/assessora de comunicação)</p> <p>ND7 (parda, 37, apresentadora/repórter de TV)</p> <p>C4 (asiática, 41, gestora)</p> <p>N1 (preta, 33, coordenadora e editora de conteúdo)</p> <p>N4 (branca, 45, diretora de conteúdo)</p>	<p>Graduação em Comunicação Social/Jornalismo → Redação → Repórter → Chefia</p> <p>OU</p> <p>Graduação em Comunicação Social/Jornalismo → Redação → Fora da mídia (atuação em setores, assessorias e agências de comunicação ou chefias)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Desempenho da função desejada dentro do jornalismo, como ser repórter - Melhoria salarial e/ou complemento de renda para ter mais estabilidade financeira, reforçar o orçamento de casa, sustentar as/os filhas/os, comprar bens - Garantia de benefícios para as/os filhas/os, como saúde, educação e lazer - Flexibilidade para atender as demandas de trabalho e as demandas pessoais 	<ul style="list-style-type: none"> - Presença/ausência de rede de apoio com as crianças e das redes de afeto 	<ul style="list-style-type: none"> - Adaptações no local e no formato de trabalho (flexibilidade, acordos, horário reduzido⁸) - Uso de plataformas digitais na gestão da rotina - Horários estabelecidos para as atividades/Organização de agenda - Rede de apoio com filhas/os - Divisão de tarefas domésticas com parceiras/os e/ou outras pessoas - Atividades prazerosas e/ou de cuidado com a saúde física e mental - (Re)configuração dos espaços de 	<ul style="list-style-type: none"> - Pausas obrigatórias em virtude da licença maternidade - Sobrecarga de responsabilidades para dar conta do trabalho remunerado e das/os filhas/os - Afastamento físico das/os filhas/os - Necessidade de acordos formais e informais para atender as/os filhas/os

⁸ Nesta pesquisa utilizo o termo horário reduzido para jornalistas em comparação à carga horária mais comum no Brasil que é de 44 horas/semanais. Como estabelece o artigo 303 da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), jornalistas devem ter jornada de cinco horas diárias.

				e familiares, pela carga horária ou pela possibilidade de trabalhar de casa		trabalho	
2) Carreiras freelancer	Atuação como pessoa física ou jurídica, sem vínculo empregatício com a/as empresa/as onde trabalha	S3 (branca, 52, produtora de conteúdo freelancer) SD14 (branca, 37, repórter e revisora de texto freelancer) SD16 (amarela, 45, jornalista empresária - freelancer)	Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo → Redação → Freelancer	- Flexibilidade para atender as demandas de trabalho e as demandas pessoais e familiares, pela carga horária ou pela possibilidade de trabalhar de casa - Incompatibilidade ou dificuldade de maternar e trabalhar em uma redação	- Demissões individuais e coletivas - Presença/ausência de rede de apoio com as crianças e das redes de afeto	- Adaptações no local e no formato de trabalho (flexibilidade, acordos, horário reduzido) - Uso de plataformas digitais na gestão da rotina - Rede de apoio com filhas/os - Atividades prazerosas e/ou de cuidado com a saúde física e mental - Configuração dos espaços de trabalho	- Pausas obrigatórias em virtude da licença maternidade - Sobrecarga de responsabilidades para dar conta do trabalho remunerado e das/os filhas/os - Manutenção de vínculos de trabalho flexíveis, porém precários, para seguir cuidando das/os filhas/os
3) Carreiras públicas	Atuação no serviço público, via concurso público, no jornalismo e/ou na docência em jornalismo	ND2 (branca, 35, jornalista no serviço público) C3 (branca, 35, jornalista e profa universitária)	Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo → Redação → Fora da mídia (concurso público em jornalismo ou	- Flexibilidade para atender as demandas de trabalho e as demandas pessoais e familiares, pela carga horária ou	- Aprovação em concurso público	- Adaptações no local e no formato de trabalho (flexibilidade, acordos, horário reduzido) - Uso de	- Pausas obrigatórias em virtude da licença maternidade - Necessidade de acordos formais e informais para

			docência em jornalismo)	pela possibilidade de trabalhar de casa - Possibilidade de se capacitar por meio do estudo e ter mais formação acadêmica (especialização, mestrado e doutorado) - Melhoria salarial e/ou complemento de renda para ter mais estabilidade financeira, reforçar o orçamento de casa, sustentar as/os filhas/os, comprar bens		plataformas digitais na gestão da rotina - Horários estabelecidos para as atividades/Organização de agenda - Rede de apoio com filhas/os - Divisão de tarefas domésticas com parceiras/os e/ou outras pessoas - Atividades prazerosas e/ou de cuidado com a saúde física e mental - Configuração dos espaços de trabalho	atender às/os filhas/os
4) Carreiras híbridas ou atípicas	Trânsito entre dois ou mais tipos diferentes de carreira ou trajetórias com movimentos que diferem dos três tipos mapeados	S4 (branca, 27, jornalista de sindicato) SD12 (parda, 36, assessora de comunicação e freelancer) SD13 (branca, 65, chefe de assessoria	Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo → Dentro e Fora da mídia (concomitante) OU Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo → Redação →	Incompatibilidade ou dificuldade de maternar e trabalhar em uma redação	- Assédio moral - Presença/ausência de rede de apoio com as crianças e das redes de afeto	- Adaptações no local e no formato de trabalho (flexibilidade, acordos, horário reduzido) - Uso de plataformas digitais na gestão da rotina - Horários estabelecidos para	- Pausas obrigatórias em virtude da licença maternidade - Pausas mais longas na carreira em virtude da incompatibilidade entre as dinâmicas do trabalho jornalístico e do

35º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS 2026

Saberes ancestrais e novos horizontes da pesquisa em comunicação
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) | Natal/RN
9 a 13 de Junho de 2026

compós

		de comunicação) SD15 (branca, 38, assessora de comunicação)	movimentos individuais (ex.: saída do jornalismo, aposentadoria e retorno, exoneração de concurso público)			as atividades/Organiza ção de agenda - Rede de apoio com filhas/os - Divisão de tarefas domésticas com parceiras/os e/ou outras pessoas - Atividades prazerosas e/ou de cuidado com a saúde física e mental	cuidado com uma criança pequena - Saída de um trabalho com condições estáveis para estar mais perto da rede de apoio e acolhimento - Saída temporária do jornalismo
--	--	--	--	--	--	--	---

Fonte: elaboração própria



3.1. Carreiras organizacionais

As carreiras organizacionais correspondem às trajetórias daquelas que decidiram permanecer em empresas e setores de comunicação, sejam redações, assessorias de comunicação ou agências de comunicação. Nesses espaços, quando permanecem dentro da mídia, as jornalistas podem seguir como repórter ou serem promovidas à chefia. Quando seguem fora da mídia, podem atuar em setores de comunicação, como assessoras de comunicação, ou também assumirem chefias em assessorias ou agências de comunicação. Essas trajetórias são chamadas de organizacionais por se darem dentro do contexto de uma organização formal de mídia. Nesse caso, a movimentação pode ocorrer dentro de uma organização específica ou dentro do sistema organizacional do jornalismo que se amplia, no Brasil, para os setores, as assessorias e as agências de comunicação, não se restringindo apenas ao âmbito das redações de mídia. Essa presença de um número maior de mulheres mostra que, apesar das dificuldades e dos constrangimentos enfrentados pelas jornalistas-mães, ainda há algum atrativo para elas permanecerem nesses lugares, como um contrato mais estável que permite licenças e a possibilidade de tomada de decisões pessoais a longo prazo (GÁLVEZ, 2007).

As mães que seguem essa trajetória estão mais inclinadas a considerarem o gosto pelo jornalismo e/ou pelas funções desempenhadas (HENNION, 2011), a exemplo de quem gosta de ser repórter ou atuar em redação de mídia. O formato em que trabalham, com alguma flexibilidade de horário e de espaço, como é o caso daquelas que são chefes, também pode motivar a permanência nesse tipo de carreira, assim como a melhoria salarial que garante estabilidade financeira. As jornalistas optam ainda por essa carreira pela garantia de algum benefício para as/os filhas/os, disponibilizados pelas organizações de mídia, como é o caso de bolsa de estudos (ND1). Ao refletir sobre o contexto dessas escolhas, foi possível observar que elas possuem ou possuíram, principalmente com filhas/os na fase da infância, uma forte rede de apoio (RAPOPORT; PICCININI, 2006), formada por familiares, funcionárias pagas e/ou escolas em tempo integral ou que funcionam em horários mais atípicos. Ter apoio permitiu que elas se dedicassem à profissão em momentos que possivelmente precisariam estar responsáveis pelas/os filhas/os. Em alguns casos (ND6 e ND7), houve arranjos em que

as crianças passaram a morar com as/os avós, enquanto as mães buscavam se inserir e permanecer no mercado de trabalho jornalístico.

Quanto às táticas operadas, as duas que são mais decisivas para esse grupo conseguir conciliar vida profissional e vida pessoal são adaptações no local e no formato de trabalho (flexibilidade, acordos, horário reduzido) e rede de apoio com filhas/os. Apesar de não haver políticas de incentivo à conciliação do trabalho com outras esferas da vida nas empresas de mídia e nos setores de comunicação, as jornalistas-mães que seguem carreiras organizacionais geralmente conseguem por parte das suas chefias ou das organizações estabelecer acordos informais que permitem adaptar o local e o formato de trabalho. Assim, algumas conseguem trabalhar de casa, enquanto precisam atender alguma demanda das/os filhas/os. Ou planejar ausências no trabalho para consultas médicas e aniversários das crianças, por exemplo. A rede de apoio, entretanto, é o que permite que a mulher siga na carreira. Como geralmente são consideradas as responsáveis pelas crianças, as jornalistas só conseguem se dedicar a uma atividade de trabalho se tiver quem assuma essa responsabilidade temporariamente.

Diante do exposto, foi possível perceber que as mulheres que trabalham nessas carreiras sofrem mais os impactos da maternidade relativos à sobrecarga de responsabilidades para dar conta do trabalho remunerado e das/os filhas/os e o afastamento físico das/os filhas/os. Nesse tipo de carreira, o trabalho parece ocupar um espaço bastante central na vida das jornalistas. São mães, como já citado acima, que estão mais inclinadas a considerarem o gosto pelo jornalismo e/ou pelas funções desempenhadas, ao decidirem permanecer nessa trajetória. Tendo, portanto, um maior interesse em se dedicar às possibilidades de ascensão nesse tipo de carreira, mesmo diante das dificuldades e dos constrangimentos identificados para as mulheres. Dessa forma, as outras áreas da vida vão se acomodando em torno do tempo dedicado às atividades laborais. Isso, muitas vezes, demanda uma ausência da mulher do ambiente familiar e/ou uma sobrecarga de responsabilidades, fazendo com que ela conviva com a ambivalência materna (BADINTER, 2011), que coloca constantemente em conflito os papéis idealizados de jornalista e mãe.

3.2 Carreiras freelancer

As carreiras freelancer são aquelas seguidas por quem atua como pessoa física ou jurídica no mercado de trabalho jornalístico, sem vínculo empregatício. Pode ou não se tratar

de uma trajetória que foi planejada (DAVIDSON; MEYERS, 2016). No corpus, há mulheres que optaram por seguir nesse formato, mas há também quem foi obrigada a estar como freelancer pelas contingências na vida pessoal e profissional, como a necessidade de ter uma rotina mais flexível ou a dificuldade de encontrar trabalho formal em redações de jornal. Todas passaram por uma redação ou por um trabalho em assessoria de comunicação em algum momento, trilhando os passos de uma carreira organizacional. Mas, por motivos diversos, a saída de se tornar freelancer se mostrou a melhor opção para o momento. Não é uma carreira em que haja um planejamento de futuro, com as jornalistas demonstrando vontade de sair dessa condição em algum momento e tratando como uma necessidade.

As motivações para permanecer neste caminho giram em torno da flexibilidade e da dificuldade de trabalhar em uma carreira organizacional e conciliar com a maternidade, a depender do contexto em que a mulher está inserida (GÁLVEZ, 2007; LELO, 2019; LEITE, 2017). SD16, SD14 e S3, mesmo diante de vínculos precários, tiveram a necessidade de permanecer nessas carreiras para acompanhar os filhos. Essas motivações podem mudar à medida que as crianças crescem, mas nem sempre a transição de tipo de carreira é viável, em virtude de outros problemas que se entrecruzam na trajetória das mulheres jornalistas, como a juvenilização do mercado de trabalho jornalístico (KIKUTI, 2023). O contexto laboral e pessoal também é fundamental na decisão dessas mulheres. Além do cenário difícil da profissão de demissões individuais (como foi o caso de SD14) e coletivas, as mães que seguiram carreira freelancer tiveram dificuldade de contar com rede de apoio. São casos de mães que criam os filhos sozinha (S3) ou moram junto com seus companheiros (SD14 e SD16), porém eles trabalham em horários intensos e/ou com muitos deslocamentos de viagens e não conseguem ter uma regularidade na responsabilidade com as crianças.

Em relação às táticas, as jornalistas-mães que seguem a carreira freelancer utilizam fundamentalmente a flexibilidade em relação ao local e ao formato de trabalho. Costumam trabalhar de casa - a não ser quando fazem algum atendimento extra - e em horários que são organizados por elas, de acordo com a própria rotina e a das/os filhas/os. Também fazem uso com mais frequência das plataformas digitais, principalmente para manter a conexão com o trabalho, já que atuam geralmente dentro do ambiente doméstico. Dessa forma, também é muito evidente a maneira como configuram os espaços de trabalho ao tentar conciliar a vida pessoal e vida laboral. Como os ambientes são constituídos dentro de casa, há elementos dessas duas áreas da vida em suas estações de trabalho.

Diante do que foi relatado, jornalistas que atuam como freelancers enfrentam dois principais impactos ao tentar conciliar maternidade e atuação jornalística: sobrecarga de responsabilidades para dar conta do trabalho remunerado e das/os filhas/os e manutenção de vínculos de trabalho flexíveis, porém precários, para seguir cuidando das/os filhas/os. Elas estão mais próximas das/os filhas/os e conseguem estar mais presentes fisicamente no dia a dia, porém, em rotinas exaustivas, em que o tempo e o espaço do trabalho remunerado e o de cuidado se confundem. Essa situação de vínculos frágeis e precários, a longo prazo, pode interferir no planejamento de carreira dessas mulheres, provocando desânimo e falta de perspectiva em relação ao futuro na profissão, como foi constatado entre as entrevistadas.

3.3. Carreiras públicas

O termo carreiras públicas é utilizado para descrever a situação das jornalistas-mães que ingressaram no serviço público, via concurso, em funções relacionadas ao jornalismo ou à docência. Em geral, não são carreiras planejadas no início da profissão. Podem surgir como uma alternativa que garanta mais estabilidade, com melhores condições de trabalho e de salários, comparado às alternativas disponíveis no mercado de trabalho jornalístico nas demais carreiras (DE VUYST; RAEYMAECKERS, 2019; TELES, 2024). As mulheres podem passar em concurso para exercer funções de jornalista e comunicadora ou de docente em jornalismo. Nos casos analisados, a movimentação para esse tipo de carreira ocorreu depois da experiência em carreiras organizacionais, que não se mostraram tão atrativas.

Entre as motivações para as jornalistas ingressarem nas carreiras públicas, estão a flexibilidade para conseguir atender as demandas de trabalho e as demandas pessoais e familiares, a possibilidade de se capacitar por meio de estudo e ter mais formação acadêmica e a melhoria salarial. A flexibilidade é uma realidade nessas carreiras em virtude do cumprimento da carga horária de jornalista, prevista em lei, e da legislação que protege direitos relativos à parentalidade e contribuem para que mães e pais tenham uma rotina de trabalho mais adaptável. Jornalistas-mães também podem procurar essa carreira motivadas pela possibilidade de conciliar trabalho e estudos e ter mais formação acadêmica, a exemplo do que ocorreu com C3. Em relação à melhoria salarial, é preciso ponderar que nem todos os cargos públicos possibilitam uma remuneração maior que nas empresas privadas. Porém, numa profissão em que os baixos salários são regra, o serviço público aparece como uma opção de garantir um salário melhor ou mais razoável, com melhores condições de trabalho,

incluindo estabilidade funcional. O contexto envolvido no momento de tomar a decisão por seguir nesta carreira é a escolha por começar a estudar e prestar concurso público, que, no Brasil, desde a Constituição Federal de 1988, é obrigatório para ingressar em cargos públicos efetivos.

Quanto às táticas operadas, as três mais predominantes são adaptações no local e no formato de trabalho (flexibilidade, acordos, horário reduzido), rede de apoio com filhas/os e divisão de tarefas domésticas com parceiras/os e/ou outras pessoas. O horário reduzido permite que as jornalistas tenham mais facilidade de dedicar o outro turno para o cuidado com as/os filhas/os ou para o desenvolvimento de outra atividade profissional. Nos dois casos, também há acordos formais e informais para atender demandas pessoais, especialmente com as crianças. As jornalistas-mães que seguem esse tipo de carreira também só conseguem estar presentes no trabalho, porque contam com rede de apoio de familiares ou da escola. Entre as mulheres que seguem essa trajetória, também foi predominante a divisão de tarefas domésticas com parceiras/os e/ou outras pessoas. Nesse caso, não há uma relação direta com o fato de trabalharem no serviço público. Mas houve uma predominância dessa tática em virtude das configurações familiares das entrevistadas. C3 conta com o apoio dos pais dela, do marido e da escola, enquanto ND2 conta com o auxílio do companheiro, da escola e, em momentos menos regulares, com os pais dela.

Este, portanto, foi o tipo de carreira que indicou menos impactos para as jornalistas que têm filhas/os. Além das questões relacionadas à pausa em virtude da licença-maternidade, registrada em todos os demais tipos, ficou evidente também a necessidade de acordos formais e informais para atender às/os filhas/os. Mesmo num cenário mais amistoso e acolhedor com as mães, elas precisam recorrer aos acordos previstos em lei, como a possibilidade de ausência para acompanhar tratamento de saúde de dependentes, e também às negociações mais informais, quando as jornalistas precisam priorizar a dedicação às/aos filhas/os e acompanhar alguma demanda. No discurso das jornalistas, foi possível perceber que isso é mais comum e necessário para as mulheres do que para os homens, indicando que a priorização do trabalho de cuidado segue com as jornalistas.

3.4. Carreiras híbridas ou atípicas

As carreiras híbridas ou atípicas compreendem o trânsito entre dois ou mais tipos diferentes de carreira ou trajetórias com movimentos que diferem dos outros três tipos

mapeados. Entre as carreiras híbridas, estão S4 e SD12. As duas trabalham em assessoria de comunicação de instituições (sindicato e órgão governamental, respectivamente) e também fazem serviços como freelancer, com produção de conteúdo ou outras atividades afins. Considero carreiras atípicas aquelas em que as jornalistas-mães seguiram por um tempo algum tipo de carreira e, num determinado momento da trajetória, modificaram o caminho com movimentos que diferem das demais. São trajetórias que se mostraram únicas dentro do corpus desta pesquisa. SD13, quando o filho era bebê, ficou fora do mercado durante cerca de um ano, pois mudou de cidade para ficar perto do marido e tinha dificuldade de encontrar rede de apoio. Em outro momento da carreira, depois de aposentada, foi convidada para voltar à chefia de uma assessoria de comunicação e retomou o trabalho. Já SD15, deixou a carreira pública em uma prefeitura, mesmo diante dos benefícios de salário e direitos, para voltar à sua cidade natal e criar a filha perto de sua rede de apoio e afeto.

A motivação comum a praticamente todas as respondentes deste grupo, para seguir em uma carreira híbrida ou atípica, foi a incompatibilidade ou dificuldade de maternar e trabalhar em uma redação. S4, além da carreira híbrida, também desenvolve uma carreira atípica. Depois da experiência negativa em redação, quando era mãe de um bebê pequeno, decidiu passar um tempo fora do jornalismo, trabalhando com venda de produtos. O contexto mais apontado foi a presença ou a ausência de redes de apoio com as crianças. SD15 deixou a estabilidade de um concurso público para estar perto da rede de apoio, que auxilia no cuidado com a filha. SD13, no início da vida do filho, também ficou fora do jornalismo pela ausência dessa rede de apoio. Além desse contexto mais associado à maternidade, SD12 citou ainda situações de assédio moral, como um contexto presente. Ela chegou a iniciar a carreira profissional em redação, mas preferiu manter uma carreira híbrida em que está na assessoria de comunicação, numa posição mais estável, mas também faz atividades de jornalista e áreas afins como freelancer, complementando a renda.

No caso das carreiras atípicas, como se tratam de trajetórias muito específicas e que tiveram movimentos diferentes ao longo da vida profissional, as táticas dependerão de cada um dos casos analisados de forma individual. No que se refere às carreiras híbridas, as mulheres costumam contar com adaptações no local e no formato de trabalho para conseguir cumprir as tarefas de trabalhos diferentes ou simplesmente para organizar a rotina, com a redução do tempo de deslocamento ao trabalho. Jornalistas-mães com carreiras híbridas também costumam fazer uso das plataformas digitais, tanto para atuar no trabalho como

freelancer, como também para manter contato com as/os filha/os e saber notícias de casa, quando estão no trabalho.

Nessas carreiras, como se tratam de experiências mais individuais, os impactos também podem ser diferentes entre elas. Três deles foram destacados, que se diferenciam da repercussão nos outros tipos de trajetória: pausas mais longas na carreira em virtude da incompatibilidade entre as dinâmicas do trabalho jornalístico e do cuidado com uma criança pequena, saída de um trabalho com condições estáveis para estar mais perto da rede de apoio e acolhimento e saída temporária do jornalismo. Essas três consequências reforçam as dificuldades do jornalismo, enquanto profissão, de acolher mulheres que vivenciam a maternidade. Além disso, a pesquisa mostrou que, para algumas jornalistas, é preferível renunciar à carreira - mesmo que temporariamente - para conseguir cumprir melhor com o papel social de mãe. É importante ressaltar que existe uma cobrança por parte de algumas mulheres que, ao se conscientizarem das suas limitações nas tentativas de conciliação do trabalho remunerado com a maternidade, preferem renunciar às oportunidades profissionais (LOBO *ET AL.*, 2015), em virtude de todo o imaginário associado ao papel da mãe.

4. Discussões

Apesar das carreiras públicas serem mais amistosas, as carreiras organizacionais ainda congregam mais mulheres, inclusive em postos de chefia. Essa presença pode ter relação com a limitação da amostra, mas também é possível tirar algumas inferências. Primeiro, as carreiras públicas dependem de abertura de vagas e aprovação em um concurso público, não sendo, portanto, tão acessíveis. Esse caminho também pode significar renunciar ao crescimento profissional em empresas jornalísticas. Segundo, o processo de feminização está associado ao de precarização (HIRATA, 2005; BRUSCHINI, 2007), com diminuição das remunerações e do prestígio social de algumas profissões (YANNOULAS, 2011). Ou seja, uma área profissional que recebe mais mulheres tende a estar precarizada e não necessariamente chegar a cargos de prestígio pode ser sinônimo de sucesso e boa remuneração.

Terceiro, há pesquisas que mostram que as mulheres limitam suas escolhas de carreira a cargos menos ambiciosos em virtude do forte comprometimento com a família e a vida doméstica (PEREIRA; MACHADO, 2024). Neste estudo, entretanto, foram identificadas

mulheres que, contrariando esses achados, apresentaram um forte compromisso com a profissão, inclusive pagando o preço de estarem fisicamente longe das/os filhas/os. Isso pode indicar mudanças sutis na identidade profissional, que, com o aumento da presença de mulheres e as transformações das dinâmicas de trabalho por questões econômicas (como o *home office*), pode não ser mais associada somente à figura masculina, dando espaço a outros perfis. Também aponta para uma pluralidade no modo de conciliar a maternidade e a profissão, alinhando-se a outras tipologias propostas em pesquisas sobre mulheres no mercado de trabalho (BADINTER, 2011) e no jornalismo (ROCHA, 2007).

Os tipos de carreira também revelam os dilemas enfrentados pelas mulheres ao tomarem suas decisões profissionais. Se por um lado o contrato estável, seja CLT ou estatutário, atrai as mães por facilitar o acesso a medidas que contribuem para a conciliação (como licenças e redução de jornada) e por proporcionar um planejamento a longo prazo (GÁLVEZ, 2007), além também de garantir uma estabilidade financeira (SALVAGNI ET AL., 2023), por outro, a depender do formato de trabalho, pode tornar a rotina mais estática. Jornalistas-mães entram então no dilema entre a flexibilidade e a estabilidade, e os arranjos que se mostraram mais propícios a resolver essa questão foram as funções das carreiras públicas; as funções de chefia, por darem algum tipo de flexibilidade; e as funções que permitem atuação *home office*, como as freelancers e algumas outras dentro das carreiras organizacionais, também pela flexibilidade com horários.

A dificuldade, nos dois últimos casos (chefias e atuação *home office*), é que, no primeiro, as mulheres ainda atuam sob cargas horárias extenuantes e muitas responsabilidades no trabalho, podendo ficar sobrecarregadas e adoecidas; no segundo, as jornalistas trabalham sob condições instáveis e, por vezes, precárias, como é o caso das freelancers, nas situações em que precisam atender às demandas do trabalho em *home office* e cuidar das/os filhas/os e do lar, ao mesmo tempo. Mesmo diante das situações desfavoráveis, as mães seguem se mobilizando para permanecer no mercado de trabalho jornalístico. As táticas encontradas por elas, entretanto, ainda configuram esforços individuais e não encontram apoio e engajamento das empresas de comunicação e do estado. As tentativas de conciliação entre o trabalho remunerado e a vivência da maternidade, apesar de alguns relatos positivos entre as entrevistadas, ainda demandam um preço alto pago pelas mulheres para contornar as situações.

5. Contribuições e limitações

Esta pesquisa traz contribuições práticas e teóricas para o campo do jornalismo profissional. Na prática, este estudo se constitui como ponto de partida para discutir políticas organizacionais e de estado que contribuam para proporcionar melhores condições de trabalho no jornalismo. Suscita a importância de garantir que as mães tenham acesso mais igualitário ao mercado de trabalho, que não seja necessário lançar mão apenas de táticas e contornos de forma individual para conseguirem se manter na profissão. Em relação às contribuições teóricas, essa pesquisa traz avanços para a sociologia do jornalismo, à medida em que apresenta novos elementos da vida privada, que nem sempre eram considerados nas análises e podem provocar transformações identitárias na profissão. Também, com o uso de diários e fotografias, inova em apresentar uma descrição mais compreensiva da rotina e das mesas de trabalho das/os jornalistas pelo olhar próprio das/os respondentes.

Apesar dos avanços, este estudo possui limitações. Os diários e as fotografias, por terem sido produzidos pela/os própria/os jornalistas, trazem o ponto de vista das/os respondentes sobre suas rotinas e suas mesas de trabalho. Entretanto, foi importante perceber como as/os jornalistas compreendem a própria identidade a partir das fotos que elas/es escolheram enviar. Uma outra limitação refere-se ao registro de apenas um dia útil dos diários, não sendo possível saber mais sobre os dias de folga das/os jornalistas. Já em relação às fotografias, devido aos compromissos éticos assumidos com as/os participantes de não reprodução, há uma camada adicional de intervenção, já que as imagens foram textualmente codificadas considerando os objetos visualizados nas imagens.

No que diz respeito à extensão da análise dos dados coletados, mesmo que tenha implicações no macro, o estudo foi conduzido a partir de uma abordagem microsociológica, considerando uma amostra específica e não probabilística, não sendo possível fazer generalizações que deem conta de explicar o fenômeno por completo. Dessa forma, os resultados apresentados não podem ser generalizados. Mesmo que tenha ocorrido um esforço em diversificar a amostra em relação a parâmetros como gênero, raça, segmentos, região, idade, é possível que haja situações específicas que esta pesquisa não deu conta de captar. Não foi possível, por exemplo, aprofundar as questões de raça.

Por fim, o estudo aponta perspectivas para a investigação em jornalismo. As pausas compulsórias nos primeiros anos de vida da criança e o retorno da licença-maternidade ao

trabalho são temas que podem ser explorados numa perspectiva comparativa com outros países que possuem uma cultura parental e um regime de licença diferentes do Brasil. Também podem ser feitas pesquisas que foquem nas interações operadas pelas jornalistas-mães, com as redes de apoio e com os empregadores. Há também a possibilidade de um estudo que operacionalizasse, em pesquisas quantitativas, os tipos de carreiras apresentados, a fim de verificar de que maneira esses percursos se distribuem no espaço laboral brasileiro. Essas investigações podem lançar um olhar cada vez mais complexo sobre as condições de trabalho daquelas que são maioria no jornalismo brasileiro, mapeando inclusive a necessidade de mudanças.

Referências

- BADINTER, E. **O conflito**: a mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- BECKER, H. S. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BECKER, H. S. **Outsiders**: estudos de Sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BRUSCHINI, M. C. A. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 537-572, set. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/KybtYCJQvGnnFWWjcyWKQrc/#>. Acesso em: 28 maio 2024.
- BUCHER, R.; STRAUSS, A. Professions in process. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 66, n. 4, p. 325-334, jan. 1961. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/222898>. Acesso em: 22 set. 2025.
- CERTEAU, M. D. **A invenção do cotidiano**: [1]: artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- COHEN, L.; MALLON, M. My Brilliant Career? Using Stories as a Methodological Tool in Careers Research. **International Studies of Management & Organization**, v. 31, n. 3, p. 48-68, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00208825.2001.11656820>. Acesso em: 26 jun. 2024.
- DAVIDSON, R.; MEYERS, O. Toward a typology of journalism careers: conceptualizing Israeli Journalists' occupational trajectories. **Communication, Culture & Critique**, v. 9, p. 193-211, 2016. Disponível em: <https://academic.oup.com/ccs/issue/9/2>. Acesso em: 28 maio 2024.
- DE VUYST, S.; RAEYMAECKERS, K. Gender as a multi-layered issue in journalism: A multi-method approach to studying barriers sustaining gender inequality in Belgian newsrooms. **European Journal of Women's Studies**, v. 26, n. 1, p. 23-38, 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1350506817729856>. Acesso em: 23 set. 2025.
- FÍGARO, R. O mundo de trabalho das jornalistas: feminismo e discriminação profissional. **Brazilian Journalism Research**, v. 14, n. 2, p. 546-567, 2018. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1052>. Acesso em: 22 set. 2025.
- FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GÁLVEZ, N. P. ¿Maternidad y periodismo? La conciliación de la vida familiar y laboral en la prensa diaria valenciana. In: ÁLVAREZ POUSA, L.; PUÑAL RAMA, A. B.; EVANS PIM, J. (ed.). **Comunicación e xénero**: actas do Foro internacional celebrado en-liña e en Pontevedra entre o 9 de outubro e o 25 de novembro de 2006. Santiago de Compostela: Colexio Profesional de Xornalistas de Galicia; Observatorio Galego dos Medios, 2007. p. 391-413. Disponível em: <https://rua.ua.es/dspace/handle/10045/22663>. Acesso em: 29 maio 2025.

HENNION, A. Pragmática do Gosto. **Desigualdade & Diversidade**, n. 8, 2011, p. 253-277. Disponível em: https://desigualdadediversidade.soc.puc-rio.br/media/artigo10_8.pdf. Acesso em: 29 maio 2025.

HIRATA, H. Globalização, trabalho e gênero. **Revista de Políticas Públicas**, v. 9, n. 1, p. 111-128, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/3770>. Acesso em: 28 maio 2024.

HUGHES, E. C. Institutional office and the person. **American Journal of Sociology**, v. 43, n. 3, p. 404-413, 1937. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2768627>. Acesso em: 28 maio 2024.

HUGHES, E. C. Careers. **Qualitative Sociology**, v. 20, n. 3, p. 389-397, 1997.

IACONELLI, V. **Manifesto antimaternalista**: psicanálise e políticas de reprodução. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

KIKUTI, A. **Risco biográfico e trajetórias profissionais de jornalistas no Brasil**: uma análise longitudinal feminista de 3 mil currículos do LinkedIn. 2023. Tese (Doutorado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2023.

KIM, K. H. Obstacles to the success of female journalists in Korea. **Media, Culture & Society**, v. 28, n. 1, p. 123-141, 2006. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0163443706059578>. Acesso em: 22 set. 2025.

LAURETIS, T. D. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. D. (org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 121-155.

LE CAM, F. Photographs of newsrooms: From the printing house to open space offices. Analyzing the transformation of workspaces and information production. **Journalism**, v. 16, n. 1, p. 134-152, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1464884914558347>. Acesso em: 26 jun. 2024.

LEITE, A. T. B. Editoras, repórteres, assessoras e freelancers: diferenças entre as mulheres no jornalismo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 47, n. 163, p. 44-68, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/3810>. Acesso em: 10 jun. 2024.

LELO, T. V. **Reestruturações produtivas no mundo do trabalho dos jornalistas**. 2019. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2019.

LIMA, S. P. *et al.* **Perfil do Jornalista Brasileiro 2021**: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Florianópolis: Quorum Comunicação, 2022.

LOBO, P. *et al.* “In Journalism, We Are All Men”: material voices in the production of gender meanings. **Journalism Studies**, v. 18, n. 9, p. 1148-1166, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/citedby/10.1080/1461670X.2015.1111161?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 13 abr. 2024.

MENESES, G. S. **O jornalista nas universidades federais brasileiras**: identidade, ideologias e negociações. 2019. 346 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

MORAES, F.; SILVA, M. V. D. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia decolonizadora. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28., 2019, Porto Alegre. **Anais [...]**. Campinas: Galoá, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-tem-genero-a-subjetividade-como-estrategi?lang=pt-br>. Acesso em: 28 maio 2024.

NICOLETTI, J. **Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação:** proposta de um modelo de análise. 2019. Tese (Doutorado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2019.

NORTH, L. Gendered experiences of industry change and the effects of neoliberalism. **Journalism Studies**, v. 10, n. 4, p. 506-521, 2009. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14616700902783911>. Acesso em: 22 set. 2025.

NORTH, L. Still a 'blokes club': The motherhood dilemma in journalism. **Journalism**, v. 17, n. 3, p. 315-330, 2016. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1464884914560306>. Acesso em: 22 set. 2025.

PEREIRA, F. H. Objetivação e Triangulação Metodológica em Entrevistas de Pesquisa com Jornalistas: análise de uma carreira profissional. **Revista Parágrafo**, v. 2, n. 2, p. 47-68, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/233>. Acesso em: 25 set. 2025.

PEREIRA, F. H. **As diferentes maneiras de ser jornalista:** um estudo sobre as carreiras profissionais no jornalismo brasileiro. Brasília: Ed. UnB, 2020.

PEREIRA, F. H.; MACHADO, L. M. M. Journalistic Careers and Gender in Brazil: Impasses and Inequalities between Men and Women in the Profession. **Journalism Studies**, v. 25, n. 15, p. 1911-1930, 2024. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1461670X.2024.2404221>. Acesso em: 22 set. 2025.

PITHAN, L. H.; VACLAVIK, M. C.; OLTRAMARI, A. P. Carreiras vulneráveis: uma análise das demissões da mídia como um ponto de inflexão para jornalistas. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 18, n. 1, p. 158-171, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/sPLgqsqNPrXV4dRxPw6J4fK/?lang=pt>. Acesso em: 28 maio 2024.

RAPOPORT, A.; PICCININI, C. A. Apoio social e experiência da maternidade. **Rev. Bras. Crescimento Desenvolv. Hum.**, v. 16, n. 1, p. 85-96, 2006. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-12822006000100009&script=sci_arttext. Acesso em: 25 set. 2025.

ROCHA, P. M. **As mulheres jornalistas no Estado de São Paulo:** o processo de profissionalização e feminização da carreira. 2004. Tese (Doutorado em Sociologia), Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

ROCHA, P. M. Mulher jornalista: relações familiares e profissionais. **Comunicación e Ciudadanía**, n. 1, p. 119-134, 2007. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2542864>. Acesso em 22 set. 2025.

ROCHA-DE-OLIVEIRA, S.; FRAGA, A. M. Queering Carreiras: Interseccionalidades de Gênero, Sexualidade e Classe na Trajetória de um Bailarino. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 6, n. 4, p. 7-32, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/33920>. Acesso em: 22 set. 2025.

SALVAGNI, J. *et al.* Maternidade e mercado de trabalho: A trajetória das mulheres no desenvolvimento de carreiras. **Confluências** - Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito, v. 25, n. 1, p. 18-42, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/confluencias/article/view/57084>. Acesso em: 25 set. 2025.

SANTOS, M.; TEMER, A. C. R. P. Jornalismo no feminino: a mulher jornalista, subjetividades e atuação profissional. **Comunicação & Sociedade**, v. 38, n. 3, p. 35-58, 2016. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/riserver/api/core/bitstreams/2f350287-c412-4d45-8d6e-d5348b1d6194/content>. Acesso em: 22 set. 2025.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, H. B. D. (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo. 2019. p. 49-80.

SILVA, S. M. V. D. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias. 2010. 250 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Curso de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SILVA, N. C. D.; GONÇALVES, E. M. O discurso das mulheres fotojornalistas: desequilíbrio entre trabalho remunerado e maternidade como apelo profissional. **Brazilian Journalism Research**, v. 14, n. 1, p. 202-219, 2018. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1056>. Acesso em: 22 set. 2025.

SOUZA, A. L. F. **Ser mãe é foda!:** mulher, (não) maternidade e mídias sociais. Porto Alegre, RS: Zouk, 2022.

STEINER, L. Gender and Journalism. In: **Oxford Research Encyclopedia of Communication**. Oxford: Oxford University Press, 2017. Disponível em: <https://oxfordre.com/communication/view/10.1093/acrefore/9780190228613.001.0001/acrefore-9780190228613-e-91>. Acesso em: 28 maio 2024.

TELES, A. M. **A construção da carreira e identidade profissional das mulheres jornalistas que atuam nos setores de comunicação dos institutos federais**: uma abordagem étnico-racial. 2024. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, Brasília, 2024.

TSUI, C. Y. S.; LEE, F. L. F. Trajectories of women journalists' careers in Hong Kong. **Journalism Studies**, v. 13, n.3, p. 370-385, 2012. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1461670X.2011.592360>. Acesso em: 22 set. 2022.

YANNOULAS, S. C. Feminização ou feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. **Temporalis**, Brasília, v. 11, n. 22, p. 271-292, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/1368>. Acesso em: 28 maio 2024.

ZANELLO, V. **Prateleira do amor**: sobre mulheres, homens e relações. 1. ed. Curitiba: Appris, 2022.

ZIMMERMAN, D.; WIEDER, L. The diary: diary-interview method. **Urban Life**, v. 5, n. 4, p. 479-498. jan.1977. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/089124167700500406>. Acesso em: 23 set. 2025.